

Deus (não) se esqueceu de mim? O Homem pós moderno na ótica do desespero kierkegaardiano

Wanderley Costa de Oliveira¹

RESUMO:

A pertinência da discussão religiosa sobre o homem na pós – modernidade faz com que ao pensamento filosófico e teológico de Soren Kierkegaard sempre haja a necessidade de recorrer aos espectros de seus fundamentos teóricos sobre as mais diversas questões do comportamento humano na atualidade. O artigo versará pela discussão do senso de proximidade e de longitude de Deus na vida do Homem a partir das formulações conceituais do Desespero presentes na obra “*O Desespero Humano*” escrita por Kierkegaard em 1849. O modo como Deus é percebido na atualidade e os elementos necessários para a compreensão do modo como se dá a liberdade humana na pós – modernidade instigam o ser humano a se defrontar com a escatologia da vida na perspectiva cristã tentando isolar – se de Deus e libertar – se de possíveis determinismos e o desespero de sentir – se esquecido por Deus entregue ao próprio Eu só. A provocação “Deus (não) se esqueceu de mim?” tentará expor as duas faces dessa proximidade e de longitude de Deus utilizando – se de metodologia a pesquisa bibliográfica bem como a análise conceitual da obra de Kierkegaard aqui já citada.

Palavras – Chaves: Desespero; Pós – modernidade; Presença e ausência de Deus; Existência; Religião

ABSTRACT:

The relevance of religious discussion about human being in the postmodernity does that Soren Kierkegaard’s philosophical and theological thinking always have necessity to call upon to his theoretical foundations spectra about the more various questions of human behavior in nowadays. This article approach discussion of closeness and distance from God’s sense in the life of human being since conceptual foundations of Despair present in work “*The Sickness Unto Death*” wrote in 1849 by Kierkegaard. Nowadays, God is perceived like a neutral kind of being and required elements to understanding how human freedom in postmodernity incites human being to face a face with the eschatology of the life on a Christian perspective trying to isolate and break free of possible determinism and despair in feel forgotten by God and surrendered to your own self being. The provocation “God (not) forgotten to me” will try to expose two faces of this closeness and distance from God using bibliographic research as methodology as well as conceptual analysis of Kierkegaard work here already have mentioned.

Keywords: Despair; Postmodernity; Closeness and absence from God; Existence; Religion

¹ Licenciando em Filosofia pela Católica de Vitória Centro Universitário-ES; Bacharel em Serviço Social pela Faculdade de Vila Velha-ES; Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES

Introdução

A pós-modernidade abriu uma infinidade de caminhos dos mais diversos possíveis na vida do ser humano. Antigos valores que antes foram substituídos por uma forte relativização da moral, agora são exaltados em um velado sentimento de retorno, como no dito popular “o bom filho a casa torna”. Essa mesma pós-modernidade trouxe consigo um possível secularismo mais “consistente” somada a uma razão mais do que prática (no sentido pragmático de ser), uma razão individual. Trouxe também um esforço titânico do ser humano em entender-se a si mesmo por si mesmo sem recorrer aos mesmos mecanismos tutelares geradores de conhecimento (Religião, ciência, razão, filosofia...) ou às mesmas antigas autoridades vigentes de tempos anteriores, sejam elas seculares ou não, das quais o ser humano buscava respostas para seus principais anseios, inquietações ou identidades e as adotava como um fundamento único de verdade.

Esse possível cenário de incertezas soma-se às condições humanas de efemeridade, eufemismo e imediatismo, muitas vezes, egoísta dos quais foram trabalhados por diversos filósofos que denominam esse período ora como Anti-Modernidade, ora mesmo o próprio termo Pós-Modernidade no sentido de ter havido cabalmente uma superação da Modernidade ou ainda os que defendem que nunca fomos modernos. Enfim, em meio a tantas vozes que descrevem nosso momento atual, a visão de Leonardo Boff parece ter sido a melhor ao interpretar a ação desta onda pós-moderna:

A pós-modernidade participa de todos os pós-ismos (pós-*histoire*, pós-industrialismo, pós estruturalismo, pós-socialismo, pós-marxismo, pós-cristianismo, etc.) com aquilo que eles têm em comum: a vontade de distanciamento de certo tipo de passado ou a recusa a certo tipo de vida e de consciência, a percepção de descontinuidade sentida e sofrida no curso comum da história, e a sensação de insegurança generalizada. (BOFF, 2000, p. 18)

Diante da imensidão de vozes intelectuais que apontam e denunciam essa tendência, assistimos de muito perto o impacto provocado pelas profundas transformações e repentinas revoluções que afetam todos os aspectos da vida: Das crises econômicas e financeiras (que ora remetem ao repensar de um novo modelo de capitalismo “mais humano”, ora remetem ao preocupar-se com o futuro do planeta em

relação às questões ambientais frente ao desenfreado processo de urbanização dos espaços “verdes”) à explosão da bolha tecnológica que trouxe a público aquilo que antes estava reservado estritamente à esfera privada; da tentativa de manutenção da antiga moralidade ou do resgate ao conservadorismo à quebra de paradigmas clássicos bem como a ressignificação de valores sociais que abrangem, por exemplo, no surgimento de novos arranjos familiares, novos modos de relações sociais, novos meios de comunicação, etc.

Certas mudanças mais latentes começaram a emergir no decorrer da Idade Moderna e se acentuaram mais em um derradeiro precipício na Idade Contemporânea como um aperfeiçoamento do ideário moderno, uma modernidade inacabada marcada sobretudo “pela crise do racionalismo, a eliminação de mitos, a quebra de tabus e preconceitos, a secularização e, finalmente, a um retorno ao sentimento, a explosão religiosa e a um novo comportamento diante do mundo, do outro, de si mesmo e de Deus” (BARTH, 2007, p. 90). A tudo isso, soma – se a:

Ideia de progresso, que faz com que o novo seja considerado melhor ou mais avançado do que o antigo; e a valorização do indivíduo, ou da subjetividade como lugar da certeza e da verdade, e origem dos valores, em oposição à tradição isto é, ao saber adquirido, às instituições, à autoridade externa. (MARCONDES, 2004, p. 140)

Leonardo Boff acertou ao dissertar sobre tal desejo de distanciamento a um certo tipo de passado e da sensação de insegurança como razões para uma pós-modernidade. No entanto, percebe-se que a sensação de instabilidade moderna se tornou uma certeza do abandono consolidado, uma histeria mundial que assola o ser humano nas mais diversas formas que essa histeria se manifesta. Essa sensação de instabilidade muito se deve ao individualismo exacerbado que foi segregando cada vez mais as pessoas reservando – as em si próprias e conduzindo-as ao esvaziamento e à perda da razão de se viver em coletivo.

O consumismo também contribuiu para essa sensação de insegurança, pois criou novos mecanismos de segregação como o mau uso das tecnologias digitais e o espírito de competitividade que forçaram o ser humano a adotar o verbo “consumir” como um fundamento existencial conforme nos aponta a escritora americana April Benson no livro *“I shop therefore I am: Compulsive Buying and the Search for Self”* (“Compro,

logo existo: A compra compulsiva e a busca pelo eu”), no poema de Carlos Drummond de Andrade “*Eu etiqueta*” em alusão à mercantilização do ser humano ou a fetichização da mercadoria anunciada por Karl Marx e tantas outras críticas ao consumismo já estudadas.

Colin Campbell (2006, p. 48) analisa os impactos provocados pelo consumismo exacerbado: “É possível que o consumo tenha uma dimensão que o relacione com as mais profundas e definitivas questões que os seres humanos possam se fazer, questões relacionadas com a natureza da realidade e com o verdadeiro propósito da existência – questões do “ser e saber”. Em meio a tudo isso, o consumo se tornou um comprar pelo comprar, comprar sem saber o porquê da ação cujo o produto perde sua importância ou necessidade de se obtê-lo é obsoleta, descartável e desprovida de sentidos para a ação de compra. (BENSON, 2000)

Em geral, o ser humano continua inseguro de si mesmo, solitário, inseguro pois quanto mais ele espera contar com algo, mais esse algo se distancia dele e mais ele se perde na facticidade. Uma maior demonstração disso é a falência das instituições sociais que sofreram crises substanciais e não mais despertam nas pessoas a necessidade de se viver em coletivo reservando-se aos cantos sereicos da vida virtual cuja a interação social à distância simula e estimula os mesmos sentimentos e afetos vividos fora da esfera digital.

A espera de um socorro que não chega, em busca de algo que lhe dê sentidos de viver uma vez que todo esse cenário faz parte de uma peça de teatro cujo o começo é desconhecido, o enredo é oco e de fim é um simples caminhar em vitórias régias, acabam se desesperando e é neste contexto que localizamos o desespero kierkegaardiano: Essa crise humanitária estaria parcialmente relacionada, de alguma forma, com o sentimento humano de proximidade ou longitude de Deus? Ou estaria relacionada mais a uma tentativa de retorno do ser humano a Deus como uma autoridade existencial referenciária?

Contextualizando o Conceito de Desespero à Perspectiva Pós – Moderna

Antes de iniciarmos nossa contextualização do conceito de desespero, é necessário entendermos em que se consiste o desespero na ótica de Kierkegaard.

Entende – se por desespero um estágio paralelo ao estado de angústia, um sentimento negativo que é exatamente o estágio que caracteriza como um largo passo para a chamada “doença para a morte”, pois é o abalo emocional em que se entra em crise em virtude de si mesmo. Essa morte não é a do corpo e nem da alma, mas do espírito que é caracterizada pela queda definitiva do espírito impulsionada, conseqüentemente, pela má relação entre o eu psíquico (finito) e o Espírito (o infinito) estabelecida pela síntese que se faz de si mesmo. O desespero é para Kierkegaard, uma “não morte” na própria morte ou um desejo de morrer sem poder morrer:

O desespero é a discordância interna duma síntese cuja relação diz respeito a si própria. Mas a síntese não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou então implica – a. De contrário não haveria sombra de desespero, e desesperar não seria mais do que uma característica humana, inerente à nossa natureza, ou seja, que o desespero não existiria, sendo apenas um acidente para o homem, um sofrimento como uma doença em que se soçobrasse, ou, como a morte, nosso comum destino. O desespero está portanto em nós. (KIERKEGAARD, 1974, p. 339)

A princípio, desesperar-se é estar suscetível à possibilidade de discordar de algo. O problema reside justamente neste algo. “Discorda-se do que? Desespera-se do que? O desespero reside em algo, “in-siste” em algo” (RICOEUR, 1996, p. 21). Na obra “*O Desespero Humano*” escrito em 1849, o desespero é conceituado por meio do *Anti - Climacus*, um dos vários pseudônimos usados por Kierkegaard em suas obras, como interlocutor de sua visão antropológica e psíquica ainda que associando o estado de angústia ao pecado para descrever as razões da qual o sujeito pode se desesperar.

Desesperar-se pode ser a não aceitação de si em si mesmo, no maior de sua profundidade – no seu Eu; pode ser também da batalha psicológica travada em virtude de legitimar a aceitação de si mesmo a qualquer custo ou ainda a apatia e o estado de alienação que faz o sujeito se desesperar em busca de uma consciência de seu próprio eu.

O *Anti Climacus* segundo Roos (2007, p. 152) “representa o cristão em um nível extraordinário, por assim dizer, apresentando o cristianismo em toda a sua idealidade.” O *Anti Climacus* traz a conotação de um cristão exemplar, um modelo cristológico a ser seguido cujo desejo de Kierkegaard é não superá-lo transcendentemente, mas de reconhecer na autenticidade de seu pseudônimo um padrão de vida radicalmente cristão,

um modelo do qual todos deveriam seguir. Pode ser associado à uma vida de regras morais e papéis sociais a serem assimilados e cumpridos ou ainda a interdição racional de nossos desejos.

Uma pessoa desesperada é aquela em que em algum momento de sua vida “depende a despeito dos discursos e do engenho dos desesperados em enganarem-se e enganar os outros, considerando-o como uma infelicidade” (KIERKEGAARD, 1974, p. 340) em outras palavras, para o desespero enquanto uma doença mortal, não haveria cura e tudo o que a pessoa deve fazer é a difícil tarefa de remontar essa relação de síntese (o eu enquanto síntese entre o finito e o infinito sendo essa incompleta e inacabada), o que de uma certa forma, seria o combater a discordância em seu estágio inicial, possivelmente na angústia.

De acordo com Ricoeur (1996, p. 22), o desespero se caracteriza pelas distinções que constituem a síntese, “do ponto de vista da “falta de finitude” e da “falta de infinitude”, da “falta de possibilidade” – vale dizer, de imaginação e de sonho – e de “falta de necessidade” – vale dizer de submissão a tarefas e a deveres gerais neste mundo.” Não se restringe a estas, mas nos mostra ao menos em que se consiste essa relação de síntese ao qual é necessário remontar.

Feitas estas considerações, veremos agora como contextualizarmos o desespero na pós-modernidade e de que modo a religião pode ser vista como catalisadora ou amortizadora do desespero.

Em “*O Dossel Sagrado*”, Peter Berger (1985) discute a questão dos programas institucionais estarem “contaminados” pela intervenção muitas vezes egoísta do ser humano de tal modo a criar mecanismos de controle sobre a sociedade prontamente para atender os seus interesses particulares. A religião enquanto forma institucional cumpriu muito bem com esses programas a partir de seus dogmas que agiam por ora como poder legitimador (estabelecendo relações de poder e coerção sobre àqueles que não seguiam) quanto como poder educador (estabelecendo regras de conduta moral que impactam direta ou indiretamente sobre a sociedade) dentre outras formas.

Ocorre que na pós-modernidade, esse predomínio institucional da religião sofreu sensíveis transformações, o que não quer dizer de que a religião tornou-se em sua totalidade, superada. A necessidade de adequar a religião ao tempo das perenidades

líquidas (ao alto e bom som de uma modernidade líquida muito bem explicitada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman) visa-se sobretudo uma maneira de sobreviver aos constantes ataques quanto à necessidade da religião na vida humana bem como às crises de legitimação e evidentes incapacidades de gerar respostas aos mais diversos anseios humanos dentro e fora das igrejas e das designações religiosas espalhadas pelo mundo.

Ser segregado da sociedade expõe o indivíduo a uma porção de perigos que ele é incapaz de enfrentar sozinho; num caso extremo ao perigo de extinção iminente. Ser separado da sociedade inflige também ao indivíduo intoleráveis tensões psicológicas, tensões que se fundam no fato radicalmente antropológico da sociedade. O perigo supremo que tal separação é, no entanto, o perigo de sentido. Esse perigo é o pesadelo por excelência, em que o indivíduo é mergulhado num mundo de desordem, incoerência e loucura. (BERGER, 1985, p. 35)

É nesse cenário de segregação do indivíduo que encontra-se o momento para entendermos o desespero Kierkegaardiano. Ao usar um pseudônimo “moralmente correto” para ser um ideal de sujeito, Kierkegaard analisa a sociedade de seu tempo com a exterioridade de um autor cristão à margem dela, mas que ao mesmo tempo está referindo-se à sua própria atuação como um sujeito. Sua crítica está nos padrões de vida impraticáveis cuja a característica central destes padrões está na vida estética ou na vida sob aparências que ele mesmo a rejeitou quando tivera oportunidade.

A ideia de pecado (embora seja uma questão estritamente teológica) na pós-modernidade foi tão esvaziada ao ponto de que as ações humanas em desacordo com os preceitos religiosos de vida não estão mais condicionadas à uma determinada condenação por parte de um deus que julga e define o destino de cada um mas estão condicionadas ao julgamento puramente humano destas ações.

No exercício de sua liberdade sem as condicionantes deterministas do livre-arbítrio, o ser humano foi tomado pela ideia de autossuficiência que o permitiu tal amadurecimento culminante à criticidade ao ressignificar os mesmos valores religiosos que o condenava pelo simples fato do querer ser humano e rejeitar sua “mortificação” para o mundo que o rodeia.

A ideia da auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar e cujas consequências eles podem experimentar

enquanto ainda são “seres que experimentam” – e isso significa aqui, nesta vida. (BAUMAN, 1998, p.213)

Por outro lado, vemos que de tempos em tempos, o ser humano se mostra cada vez mais frágil no trato de suas próprias questões puramente humanas, ou seja, o ser humano na tentativa de querer “ser humano”, acabou criando para si um problema maior que suas pretensões de alcançar um determinado grau de humanidade. O espraiamento ou a liquidez dos tempos pós-modernos acarretou em um sentimento de desamparo ou da perda, seja parcial ou total de um referencial daquilo que fundamenta a psique humana ou ainda, daquilo que o ser humano mais anseia nos momentos de crise, sobretudo, de abalos sísmicos existenciais externados na crise antropológica e espiritual que nossa geração está vivendo.

Nesta tentativa de resgate de si mesmo, ocorrem o que podemos identificar por dois fenômenos que, respectivamente, atraem o ser humano ou para mais o próximo de Deus (a proximidade) ou despertam o afastamento, para o mais longe de Deus (a longitude) e nesses fenômenos que esboçaremos uma análise à luz do conceito de desespero.

A Proximidade e a Longitude de Deus Como Razões do Desespero

Seja no projeto iluminista do século XVIII ícone do período moderno como no ideário pós-moderno, a promessa de uma vida promissora e exitosa longe de Deus goza de um horizonte esplendor de amadurecimento intelectual e de uma autonomia retratada em vários termos ou metáforas (“A ave de Minerva” em Hegel e o conceito de Esclarecimento kantiano quando mal utilizados são bons exemplos do que está sendo discutido aqui) o que em contrapartida atribuíam-se essas benesses quando uma superação à vida religiosa era o objetivo central destas filosofias.

Entretanto, o que o “amadurecimento intelectual” e a “autonomia humana” quando colocadas, de qualquer maneira, em prática inconsequente e indiscriminadamente, causou foi um efeito colateral quase que irreversível: Um estado histórico de alienação coletiva apontado por Gilles Lipovesky e Sebastien Charles (2013, p.18) em “*Os Tempos Hipermodernos*” como uma “alienação total do mundo humano ao peso terrível das duas calamidades da modernidade que são a técnica e o liberalismo de mercado.”

A solução que fora encontrada sugeriu uma supressão de Deus por meio da mitificação do Esclarecimento (*Aufklärung*) e o endeusamento da Ciência. No entanto, ambos não foram capazes de cumprir com as “promessas” feitas na Modernidade. Também incapazes foram as alternativas de cumprir com as promessas de uma “Terra Prometida” pois a maioria das pessoas naquele tempo não estavam (e ainda não estão nos dias atuais) preparadas para tal efetiva maioria intelectual como queria Kant nem para exercer sua liberdade plena condenando-se a ser livre como queria o francês Jean Paul Sartre e tão pouco instaurar um estado de rebelião ao estilo camusiano.

Descobriu-se pois, que as pessoas em geral não conseguem viver longe de Deus quando estão afastadas dele e não sabem o que fazer quando estão próximas a Ele. Este paradoxo nos mostra o quanto a pós-modernidade escancarou o fracasso do projeto moderno pois tal tentativa de supressão de Deus por meio da maioria intelectual “não põe fim à necessidade de apelar às tradições de sentido sagrado, ela simplesmente as reorganiza-as através da individualização, disseminação, emocionalização das crenças e práticas.” (CHARLES; LIPOVESKY, 2013, p. 98-99)

Esse fenômeno conhecido como “o retorno do sagrado” encontra como cenário um ambiente de Secularização instaurado mas que esta própria secularização está em caminho reverso, à de-secularização. O “retorno do sagrado” por sua vez não reverteu o esvaziamento institucional da religião e isso se traduz na ideia de que a espiritualidade esteja cada vez mais em voga na vida das pessoas independente de se ter ou não uma religião. Podemos melhor ver isso em Gauchet (2008, p. 41 *itálicos do autor*): “assistimos a dois processos simultâneos: a uma *saída da religião*, compreendida como saída da capacidade do religioso em estruturar a política e a sociedade, e a uma *permanência do religioso* na ordem da convicção última dos indivíduos.”

Esse retornar ao sagrado ou essa permanência do religioso encontrou como ambiente propício o esgotamento do materialismo moderno assim como racionalismo que chegaram ao seu limite e parecem não dar conta de suas fraquezas, ainda tentando recorrer às velhas fórmulas para retomar o prestígio perdido ao longo dos tempos. A arrogância e a prepotência cientificista não mostraram ao ser humano como ele resolveria seus problemas de ordem psíquica e espiritual e na busca pela solução destes problemas, recorre – se novamente ao sagrado, à espiritualidade:

A nova onda de misticismo, o retorno do sagrado ao espaço público e a aparição de dezenas de grupos fundamentalistas étnicos e religiosos são vistos, nesse caso, como uma reação de indivíduos e grupos tradicionais diante do que eles perceberiam como uma ameaça do mundo moderno à integridade de suas identidades. (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2012 p. 27)

Em meio a isso, instituições religiosas encontram-se em crise: A gangorra estatística que coloca religiões em competição umas com as outras para se saber quais as que mais tem ou menos tem fieis; as que mais perde ou ganha fieis ou ainda a mensuração de dados que mostram fieis que mais se identificam com as irreligiões, as descrenças ou a “religião do eu sozinho” só mostram que o sagrado, o transcendental ou mesmo Deus continuam vivos e jamais morreram (no sentido estritamente nietzscheano) e tampouco antropomorfizaram-se.

Deus e a religião não se apresentam mais da mesma maneira como os dos tempos passados, pois, eles passaram por um processo de fragmentação e ressignificação enquanto fenômenos religiosos para se adaptarem ao pós-modernismo originando novas formas de crer e outros mecanismos de interação com a religiosidade e o divino.

É o que aponta Hervieu-Leger (2005b, p. 54 tradução nossa): “[...] desta fragmentação do religioso nas sociedades modernas, é indubitável que a religião todavia fala... Mas, simplesmente, o que sucede é que já não fala nos lugares de onde se esperava que fale”, isso significa que a religião, em partes, deixou de ser uma prática exclusiva das igrejas cujos os rituais religiosos saíram do seio eclesiástico e agora se individualizaram em um ambiente domiciliar tornando-se mais privativo e mais pessoal.

Na realidade, em certos momentos, a espiritualidade é colocada de lado temporariamente, mas, quando ocorre de o ser humano julgar-se forte o bastante ou ser independente de si criando uma consciência de superioridade que o faz ser “dono da razão” e não consegue concretizar esse projeto existencial voltado para o imediatismo e no viver do aqui e agora, a espiritualidade retorna ainda mais fortalecida e os rituais religiosos acabam se tornando sessões de terapia pessoal para aqueles que se permitem fazer o caminho de volta ou, criar novos caminhos que o conduzam para a espiritualidade ao seu modo mais pessoalizado, uma espécie de espiritualidade *a la carte*.

Em virtude do desapontamento com as instituições religiosas em geral, pertencer a uma designação religiosa, ou não, acaba tendo como resultado uma situação de indiferença, situação essa que faz com que a pessoa não veja alguma diferença em ter ou não uma religião. Essa mudança de mentalidade traz como desfecho desta indiferença tanto o afastamento das práticas religiosas em grupos pessoalizando – as quanto a própria negação à essas instituições e associar Deus e religião no mesmo patamar:

A própria indiferença é resultado de uma sociedade que não tem mais esperança, que vive um angustiante vazio de sentido. Se outrora se vivia um ateísmo sistemático, hoje predomina a indiferença, o que é pior, porque não há nem interesse em verificar razões para tal descrença. Não se trata aqui de indiferença apenas em nível religioso, mas indiferença em âmbito existencial, uma indiferença que ofusca o olhar diante do próximo. Há uma verdadeira crise de alteridade. (MAZZOCHINI e HACKMAN, 2009, p.109-110)

Essa indiferença presente na sociedade traz de certa forma, severas consequências como o ceticismo das questões afetivas (descrença nos valores humanos como o amor, a dignidade, a amizade, etc.) e a redução materialista da afetividade (somos vistos não como um fim em si mesmo, mas como meios para se alcançar um determinado fim) impulsionam esse sentimento de busca pela espiritualidade, ou seja, “quanto maior é a incerteza quanto ao futuro, quanto mais intensa é a pressão da mudança, mais as crenças proliferam, diversificando-se e disseminando-se até ao infinito.” (HERVIEU-LÉGER, 2005a, p. 46)

E é em busca desta espiritualidade em um mundo efêmero que discutimos a questão da proximidade e longitude de Deus. Ao trazermos estas noções, associamos-as como razões válidas do desespero kierkegaardiano e exatamente de que modo a angústia humana, em ambas as situações, percebe – se a Deus.

Enquanto proximidade ou o querer ser tão perfeito quanto Deus, a busca (por Deus ou por si mesmo) se dá por meio do pelo fervor demasiado ao ponto de levar à cegueira racional ou ao delírio psicológico. Muitas pessoas perdem-se a si mesmas pois não conseguem se igualar ao *Anti Climacus* por reconhecerem a incapacidade de obedecerem integralmente aos preceitos cristãos ao *Anti Climacus* kierkegaardiano sugere propor. Nesta tentativa de igualar-se ao *Anti Climacus*, o sujeito pode entrar em

desespero ou agravá-lo mais ainda pois ao alcançar esse ideal de sujeito, sufoca – se o Eu em um plano de vida a ser seguido incompatível com o modo de vida que se segue hodiernamente embora esse Eu ainda seja um constructo a ser realizado.

A cada momento de desespero, se apanha o desespero; o presente constantemente se desvanece em passado real, a cada instante real do desespero o desesperado contém todo o passado possível como se fosse o presente. Deriva isto de ser o desespero uma categoria do espírito, que no homem diz respeito à sua eternidade. Mas não podemos ficar quites com esta eternidade para toda a eternidade; nem sobretudo rejeitá-la por uma vez; a cada instante em que estamos sem ela, é por que já a rejeitamos ou estamos a rejeitá-la – mas ela volta, quer dizer, em cada instante que desesperamos apanhamos o desespero. Por que o desespero não é uma consequência da discordância, mas da relação orientada sobre si própria. E desta relação consigo própria, tampouco como do seu eu o homem pode estar quite, o que não é, afinal, senão o mesmo fato, pois que o eu é a relação voltada sobre si própria. (KIERKEGAARD, 1974, p. 340)

Essa proximidade de Deus nessas circunstâncias traz a mesma incerteza e insegurança revestida pela ataúde do niilismo já que a responsabilidade de se manter constantemente em obediência aos preceitos cristãos podem levar a uma ação desprovida de sentidos próprios e uma vez que se queira a retomada de sua síntese, perceberá ter sido suas ações opacas porque não trouxeram satisfação e frustração por que não trouxeram nenhum retorno.

Enquanto longitude ou o querer ser “livre” a todo custo de Deus, a inquietação de não ter para si provas da existência ou da inexistência de Deus, traz para algumas pessoas a incerteza e a insegurança revestida da sedutora ataúde do niilismo. Em que se referenciar nos momentos de solidão? Em que outro é possível buscar forças para superar o desespero quando se exige uma resposta aos próprios anseios, às próprias angústias? Quais são as alternativas oferecidas por este mundo que se liquefaz para sanar as inquietudes existenciais no sujeito?

No mundo pós-moderno, os fatos são mais relevantes que as ideias pois as ideias estão associadas ao aparato lógico limitado e que por si mesmos não conseguem responder a todos os anseios de forma satisfatória. Quando nos colocamos diante de nós mesmos e vemos que essa lógica não consegue responder (como deveria) e não consegue explicar os rumos do nosso destino, é a fé determina como reconhecemos

nossa existência; A individualidade define a existência, mas o reconhecimento dessa existência é feito a partir da fé.

Fé em que? Caberá ao sujeito decidir em qual fé ele quer acreditar ou em qual fé melhor responder sua angústia. Se nem pela fé o sujeito não conseguir superar seu estado de desespero, se, o querer ser a si próprio não encontrar bases na fé, Kierkegaard (1974, p. 342) nos diz que este é o do verdadeiro estado de desespero, o desespero do desespero o que confirma suas declarações iniciais de que se trata de uma doença mortal, uma doença do espírito:

Desesperar duma coisa não é ainda, por consequência, verdadeiro desespero, é o seu início: está latente, como os médicos dizem duma enfermidade. Depois declara-se o desespero: desespera-se de si próprio. [...] desesperar de si próprio, querer, desesperado, liberta-se de si próprio, tal é a fórmula de todo o desespero, e a segunda: querer, desesperado, sê-lo, reduz-se [...] ao desespero no qual alguém quer ser ele próprio, aquele em que se recusa sê-lo. Quem desespera quer, no seu desespero, ser ele próprio.

Conforme Japiassu e Marcondes (2008, p. 160), Kierkegaard acreditava que “o homem é um ser que se caracteriza pelo desespero que se origina das contradições de sua existência e de sua distância de Deus” ou seja, Kierkegaard defendia ser necessário definir uma escolha, um caminho a seguir e esse caminho deve ser feito definitivamente, sem volta, enfatizar esta escolha como algo ligada à emoção, a paixão (não no sentido de cegueira racional). A existência humana é subjetiva e estaria ligada a Deus. Se não estiver ligada a Deus, é o completo desespero.

A condição humana de se reconhecer como um ser finito parte da ideia da admissão de nossa condição como uma necessidade lógica no sentido de que o destino humano será também o destino da nossa singularidade em uma trajetória histórica guiada por uma finalidade. Essa finalidade terá como base a coerência (os sentidos da vida) que ligará a lógica intrínseca da vida com as vicissitudes do tempo.

Considerações Finais

A pretensão deste trabalho visou sobretudo como o conceito de desespero em Søren Kierkegaard poderia ser compreendido na ótica do homem pós – moderno tendo

como o enredo principal a inquietação “Deus (não) se esqueceu de mim?”. Ao escrever a obra “*O Desespero Humano*”, a real proposta de Kierkegaard é clara já no prefácio da obra: ser “as palavras do médico à cabeceira do enfermo.” (KIERKEGAARD, 1974, p. 331). Ser as palavras do médico à cabeceira do enfermo traz de forma subliminar e também exposto no prefácio, de ser um discurso edificante; a busca pela edificação do Eu que ainda não existe em uma síntese a ser formada na relação entre o eu psíquico e o infinito.

Certamente, tal proposta kierkegaardiana vem reforçar a importância da fé na superação do que ele mesmo se diz como doença mortal. A fé aparece na vida do ser humano de modo a oferecer a ele uma última esperança, uma última chance ao qual para vencer tal estado de desespero, ele deve esperar na fé pela salvação ao qual só conseguirá por intermédio da fé. Daí a necessidade do salto na fé. A confiança perdida, seja pelo mundo ou por si próprio, pode ser restaurada por um ato de fé ou pela interiorização da fé no ser humano.

Quando nada mais faz sentido e o niilismo mais parece uma crença inabalável por um impossível que nunca virá, a fé ocupa o espaço “preenchido” pelo vazio e trazendo consigo a esperança, Deus (que pode ser entendido de todas as formas, religiosas ou não) aparece nos dois momentos distintos descritos neste trabalho (proximidade e longitude) como resposta à inquietação, ou seja, enquanto longitude, nos esquecemos de Deus especialmente quando estamos em prosperidade e nossa vida parece termos controle total dela; enquanto proximidade, que buscamos a Deus por qualquer motivo, temos a impressão de que ele se esqueceu e nos abandonou mas na realidade, nós que o abandonamos e nós que o esquecemos.

Nessa dialética entre a proximidade e a longitude de Deus, está o ser humano que em busca de um modo mais eficaz de evitar a dor e lhe proporcionar à justa medida, prazer e obediência, tenta superar tal desespero criado por si mesmo:

Quando tudo dá certo, quando vivem em prosperidade, quando se sentem em uma estranha comunhão com o tudo que lhes rodeia, então acreditam e em sua alegria, sem dúvida, sempre esquecem de agradecer a Deus; por que todo homem se mostra de bom grado agradecido pelos bens que recebe, mas todo homem tem um coração o suficientemente indulgente para querer decidir por si mesmo o que é bom. Quando tudo muda, quando a dor desvia a felicidade, desertam, perdem a fé. (KIERKEGAARD, 2005, p. 59 tradução nossa)

Em tese, a fé é o elemento mediador entre a solução para o desespero e o problema que o desespero quer mostrar. Nessa síntese de fé, nossa provocação “Deus (não) se esqueceu de mim?” pode ser interpretada de várias maneiras. Poderá um ser humano se desesperar com medo da solidão em si mesmo ou se desesperar pela incerteza de ter sido abandonado? Será somente por Deus que o ser humano se desespera por ter o abandonado ou por que seu desespero é apenas uma negação ao individualismo? De todo modo, o que se espera nessa afirmação só reforça a ideia de um ser humano que ainda não aprendeu a se conhecer e não aprendeu a lidar com um monstro dentro de si mesmo entre o medo de se sentir só e o medo de não se enfrentar.

Referências

- BARTH, Wilmar Luiz. *O Homem Pós-Moderno, Religião e Ética*. Revista Teocomunicação. v.37. n.155. Porto Alegre: Mar, 2007 Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1775/1308>> acesso em: 08. Jul. 2017
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal – Estar da Pós – Modernidade*. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998, 272 págs.
- BENSON, April Lane (Ed.). *I shop therefore I am: compulsive buying and the search for the self*. Northvale, New Jersey - USA: Jason Aronson, 2000, 568 págs.
- BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma sociologia da religião*. – São Paulo: Paulus, 1985, 195 págs.
- BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000, 157 págs.
- CAMPBELL, Colin. *Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno*. In BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, 204 págs.
- CHARLES, Sébastien; LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2013, 131 págs.

FERRY, Luc.; GAUCHET, Marcel. *Depois da religião*. Rio de Janeiro: Difel, 2008, 108 págs

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: A religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005a, 276 págs.

_____, *La Religión, hilo de la memoria*. Barcelona, Espanha: Herder Editorial, 2005b, 300 págs.

KIERKEGAARD, Søren. *O Desespero Humano: Doença até à morte* (1849) in Os pensadores, tradução de Adolfo Casais Monteiro. – São Paulo: Abril Cultural, 1974, 430 págs.

_____, *En la espera de la fe* (1843). Tradução de Luis Guerrero Martinez. México, DF: Universidad Iberoamericana, 2005, 88 págs.

MAZZOCHINI, Lucas Antônio.; HACKMAN, Geraldo Luiz Lopes. *Pecado: Fragmentação do ser humano numa sociedade de mudanças*. Revista Teocomunicação. v.39. n.1. Porto Alegre: Jan/Jun, 2009 Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/5807/4225>> acesso em: 27. Jun. 2017

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, 303 págs.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson.; OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. *Modernidade, (des) Secularização nos Debates Atuais da Sociologia da Religião*. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP – n.1. v.1. Recife – PE: Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/viewFile/109/216>> acesso em: 09. Jul. 2017

RICOEUR, Paul. *A Região dos Filósofos. Leituras 2*. Trad. Marcelo Perine; Nicolás Nymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996, 343 págs.

ROOS, Jonas. *Tornar – se Cristão: O Paradoxo Absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. (Tese de doutorado). São Leopoldo – RS, 2007.

Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp042103.pdf>> acesso em: 30. Jun. 2017